



Revisitando Laguna e Canudos

MARCOS AZAMBUJA

A *Retirada da Laguna* e *Os Sertões* são, acredito, os dois grandes textos épicos, de temática militar, produzidos no Brasil. O primeiro aparece em 1869 e o segundo, em 1902. Bem antes, Basílio da Gama com o seu *Uraguai* sobre as guerras guaranis e Santa Rita Durão com o seu *Caramuru* e as aventuras de um naufrago em terra desconhecida tinham sido os precursores entre nós de um dos gêneros literários de maior tradição e hierarquia.

A literatura épica tem sua origem em grandes obras, originalmente escritas ou narradas em versos, que representam, em vários contextos históricos, modelos que ajudam um grupo, uma sociedade ou uma nacionalidade a identificar seus valores básicos e a construir o seu imaginário.

A literatura épica não está circunscrita necessariamente aos fatos da história. Pode tratar de grandes mitos (o do Rei Arthur, em Camelot) ou de coisas que flutuam entre a história e o mito (a Guerra de Tróia, por exemplo) ou dar a fatos históricos um sentido e uma roupagem que elevam esses feitos a um outro e mais alto patamar (Vasco da Gama, em *Os Lusíadas*). As grandes civilizações produziram sempre grandes relatos

épicos. Não trato aqui dos textos formadores do imaginário dos povos e das culturas asiáticas, de que estamos distantes em mais de um sentido, mas bastaria lembrar como os heróis da Grécia clássica – Leônidas, Ulisses, Aquiles e Heitor – continuam a nos acompanhar com outras roupagens, mas expressando valores perduráveis, cujas leitura e interpretação vão evoluindo com o próprio passar do tempo. É fácil encontrar outros exemplos.

Volto aos nossos dois clássicos – que faz pouco tempo reli – nos quais episódios militares adquirem uma dimensão épica. Ambos tratam de campanhas realizadas no interior do Brasil. Nos dois casos – além do adversário armado que se combate (os paraguaios) na obra de Taunay e *Os Jagunços* na obra de Euclides – a luta se trava também contra as adversidades da fortuna e os obstáculos da terra e da natureza.

Não há, em Taunay ou Euclides, o desejo de promover um herói ou a intenção de defender uma causa. A bravura excepcional aparece, no livro de Taunay, nas figuras do Guia López, do Coronel Juvêncio e em vários outros oficiais e soldados. Contudo, o que ele proclama mais

do que qualidades individuais é a resistência física e psíquica de um grupo humano assediado e fustigado por tantos fatores adversos.

Em *Os Sertões* o herói é, a rigor, coletivo. Euclides comemora, sobretudo, a força do homem do interior do Brasil, cuja tenacidade observa nos dois lados do enfrentamento no arraial de Canudos...

Reli *A Retirada da Laguna* de uma só assentada. A extensão da obra (que é breve) e o encadeamento de eventos que descreve permitem – quase obrigam – o leitor a não se afastar do condutor de uma narrativa tão densa. Ler a obra de Taunay é, assim, empresa fácil porque o estilo é simples e direto e porque ele, ao fazer obra de historiador, não deixava de ser, também, o romancista que iria ser e que já possuía as técnicas para ganhar e prender a atenção do leitor. Isso foi verdade quando a obra foi publicada em 1869 e não é menos verdade hoje, em 2009.

Outra coisa a destacar é que *A Retirada da Laguna* descreve, com poucas digressões, fatos que centralmente ocorreram durante um período de apenas trinta e cinco dias, que é o quanto dura a retirada do núcleo central do relato. Pelos sacrifícios, frustrações e perdas humanas e materiais que se vão acumulando nesse intervalo, pareceria mais longa a marcha de regresso e, da perspectiva daqueles que a viveram, deve ter parecido interminável.

A natureza e a paisagem cumprem aqui um papel decisivo. Imensos campos, numerosos rios,

matas e bosques e um vazio também de ocupação humana, feito ainda mais dramático pela devastação que sucessivas incursões paraguaias haviam causado entre os já escassos moradores e seus bens que eram, essencialmente, o gado que ali encontrava como encontra hoje um hábitat quase natural.

A expedição sobre Laguna não teve um efeito significativo sobre os rumos e os prazos da guerra da Tríplice Aliança. Não se inscreve, assim, na moldura maior das grandes operações estratégicas que se foram montando até a vitória final e parece hoje, com a perspectiva do tempo, uma aventura mal concebida, que foi realizada por um contingente inadequado, em termos de números de tropas

e de equipamentos, para enfrentar os riscos que haveria de superar e as dificuldades do objetivo que se pretendia alcançar. Sem cavalaria e sem a proximidade de suas bases – que eram o grande trunfo dos paraguaios – e sem números suficientes para a magnitude da tarefa a cumprir, só restava a vontade de resistir e a determinação de prosseguir caminhando.

Meu interesse é – assim como o terá sido para gerações e gerações de leitores brasileiros e estrangeiros – com a dimensão épica do episódio. Aqui faço uma pausa necessária para destacar dois ou três momentos cruciais na obra: o sofrido mas necessário abandono dos coléricos à sua sorte, o que leva, como se vê, à sua sumária execução pelos paraguaios; a cheia fora de



Ao lado,
Taunay.
Na página
oposta
Euclides da
Cunha.

época do Rio Miranda e os perigos de sua travessia e a marcha incessante e inclemente pelos campos que, incendiados pelo inimigo, se haviam transformado em um círculo de fogo que buscava aprisionar e destruir a coluna. A mesma terra por vezes tão hostil produz, contudo, em um certo momento, um pequeno milagre. O encontro de um pomar de laranjas que traz aos famintos e sedentos um comovedor alívio. A narrativa atinge então nesses momentos aquela grandiosa simplicidade que é a essência mesma do relato épico.

Se a narrativa da retirada é, no essencial, linear, a grande tapeçaria de *Os Sertões* é um projeto muito mais ambicioso e complexo.

O livro está dividido em três grandes partes: a Terra, o Homem e a Luta. Quando jovem e no dever de ler um grande clássico brasileiro, comecei a leitura pela primeira parte da obra. Não fui longe, cansado pelo relato minucioso de uma geografia e de uma geologia que eu não conhecia pessoalmente e constituíam assunto pelo qual não tinha, *a priori*, maior interesse. Não tive mais sorte com a segunda parte, que é um longo ensaio etnográfico e etnológico – cujas bases “científicas” estão hoje amplamente desacreditadas – sobre o homem do nosso litoral, contrastando com a gente do agreste e do semiárido.

Só quando li a terceira parte, que trata propriamente da luta, foi que, absolutamente fascinado por um dos mais admiráveis relatos fei-

tos, em qualquer língua e em qualquer época, de uma campanha militar, voltei às partes anteriores da obra buscando então – curioso e dessa vez intensamente motivado – procurar compreender onde havia acontecido aquela saga e que homens seriam aqueles que, dos dois lados, se haviam enfrentado.

Não acho inútil dar esse depoimento e oferecer minha receita a futuros jovens leitores. Comecem pela ação e ela os conduzirá irresistivelmente a querer saber quais eram os adversários e qual foi o terreno em que a luta se travou.

Apesar da complexidade do estilo euclidiano – o que se torna ainda mais evidente nas traduções – são muitos os leitores que, vindo de outros contextos e de outras épocas, não hesitaram em

classificar a obra como um clássico da literatura mundial. Um grande escritor peruano, Mário Vargas Llosa, um século depois da publicação inicial, usa a obra de Euclides da Cunha para fazer uma importante releitura no seu romance *A Guerra do Fim do Mundo*. Mais surpreendente ainda, um brilhante escritor húngaro, Sandor Marai, constrói, em 1942, sobre *Os Sertões* seu livro *Veredito de Canudos*. *Os Sertões* é muitas vezes apontado como o mais importante livro produzido por um autor brasileiro.

Haverá sempre variadas e contraditórias leituras do que houve em Canudos. Como aconteceu na realidade, Canudos não se renderá também à análise literária. É da essência das grandes obras que elas perdurem, mas são sempre



Arraial
de Canudos.



abertas a releituras e revisões que correspondem a novas sensibilidades e impedem qualquer interpretação exclusiva ou leitura definitiva.

Antônio Conselheiro e Moreira César seriam ambos igualmente desequilibrados? Uma visão serena dos acontecimentos teria impedido o massacre? Protegia-se a República ou punia-se de maneira desproporcional um conglomerado de inocentes fanatizados por um líder carismático? Pode um estado aceitar o tipo de desafio que representava o Arraial de Canudos? As dúvidas perduram todas.

Restam, intactas e como valor permanente, a imensa bravura dos que resistiram e a tenacidade dos que atacavam. O Brasil que se via moderno e republicano procurava reduzir uma oposição ao que identificava as raízes mesmas do nosso atraso. A dimensão trágica do que aconteceu é inescapável.

O arraial está hoje submerso nas águas da represa Cocorobó, que ali contém as águas do Vaza Barris. Faz pouco tempo, em época de seca,

emergiram das águas e ficaram visíveis fragmentos da igreja nova construída pelos jagunços, por inspiração de Conselheiro. Para mostrar, talvez, que a história nunca fica inteiramente submersa e, de tempos em tempos, reaparece para nos fazer recordar suas terríveis lições.

Escrevo este artigo para dizer, enfim, que, embora a obra de Taunay e a de Euclides da Cunha sejam certamente clássicas, seria uma pena que esse rótulo afastasse e intimidasse novos leitores. Os dois livros são clássicos apenas porque permanecem sempre atuais e, creiam-me, absolutamente fascinantes.

.....
MARCOS CASTRIOTO DE AZAMBUJA é natural da Cidade do Rio de Janeiro – RJ, onde nasceu no dia 9 de fevereiro de 1935.

Foi embaixador do Brasil na França de 1997 a 2003, e ainda na Argentina no período de 1992 a 1997.

Ocupou o cargo de Secretário-Geral do Itamaraty de 1990 a 1992.

De 1989 a 1990 exerceu a função de Chefe da Delegação do Brasil para Assuntos de Desarmamento e Direitos Humanos, em Genebra.

Ente outras funções foi também Presidente da Casa França-Brasil de 2003 a março de 2008. Atualmente é membro do Conselho do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).